



HANNA LEVY NO BRASIL: pesquisadora e professora de história da arte

Adriana Sanajotti Nakamuta

Hanna Levy história da arte
crítica da arte Sphan/Iphan

Hanna Levy, alemã e historiadora da arte, emigrou para o Brasil em 1937 e, logo após sua chegada, deu início a atividades de professora e pesquisadora em história da arte, realizando cursos e palestras, como para especialização dos técnicos do Sphan, e publicando em revistas e jornais, como cinco artigos na Revista do Patrimônio.

HANNA LEVY IN BRAZIL: researcher and teacher of art history | *Hanna Levy, German art historian, immigrated to Brazil in 1937 and soon after her arrival began teaching and studying art history, giving courses and talks, for the specialization of the technical staff of the Service of National Historic and Artistic Heritage (Sphan), for example, and publishing in magazines and journals, such as five articles for the Revista do Patrimônio* | **Hanna Levy, art history, art critic, Sphan/Iphan.**

Breve biografia intelectual

Ao iniciarmos este texto, cujo propósito está centrado na pesquisa que realizamos acerca das atividades desenvolvidas pela historiadora da arte judia-alemã Hanna Levy durante o período de sua estada no Brasil, entre 1937 e 1947, optamos pela apresentação de uma breve biografia observando sua vida pessoal e profissional, que se justifica pelo desconhecimento que se tem sobre sua emigração para o país e o porquê das relações que aqui estabeleceu, como, por exemplo, com o grupo à frente da criação do órgão federal de preservação, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Sphan. De maneira sucinta podemos definir que essa narrativa biográfica cumpriu ainda um objetivo maior nessa pesquisa, que foi o de esclarecer a seguinte questão: quem é a Hanna Levy que vem para o Brasil? Posto isso, construir essa base biográfica identificando principalmente seu processo de formação na área da história da arte tornou-se fundamental para compreendermos a “bagagem” que Levy trouxe em sua emigração e em que medida ela foi empregada em suas atividades profissionais no Brasil.

Hanna Levy, sem data, acervo IFO

Hanna Levy nasceu em 28 de setembro de 1912 em Osnabrück, na Alemanha, filha de Leo e Zilla Levy, e irmã de Siegfried. Sua vida familiar foi marcada por diversas experiências no campo cultural, em especial nas artes plásticas e na música, devendo-se à mãe a formação cultural que os irmãos tiveram desde pequenos. Além desse ambiente proporcionado pela família, cabe destacar que era habitual no contexto das mulheres de origem judaica a busca de aceitação social por meio de uma boa formação intelectual, o que, no caso de Hanna Levy, ocorreu pelos estudos de história da arte, destaca Irene Below.¹

Segundo Kapsner,² a mãe era instruída e bastante inteligente, tendo sido uma das poucas mulheres que completaram o ensino médio em sua cidade, antes da Primeira Guerra Mundial. Como ilustração disso, Lea Levy, cunhada e amiga de Hanna, em troca de correspondência com a pesquisadora Irene Below, em 1995, afirmou que os irmãos cresceram em um ambiente cultural de museus e concertos, tiveram acesso a diversas reproduções de pintores e ao conhecimento de importantes biografias artísticas, mostradas e contadas pela própria mãe. Desses incentivos, ela citou a viagem de um mês a Roma, na Itália, proporcionada pela mãe aos filhos, como forma de presentear Siegfried pelo *abitur*.³

Foi em 1932, nos cursos de verão promovidos pela Universidade de Munique, que a jovem estudante Hanna Levy iniciou seus estudos em filosofia, germanística e história da arte. Após esses cursos, em menos de um ano e com 21 anos de idade, ela deixou a Alemanha para iniciar seus estudos na Universidade de Paris, Sorbonne, na França. Nos primeiros meses de 1933 Hanna Levy teria emigrado da Alemanha para a França, junto com seu companheiro, Fritz Deinhard, em busca dos estudos para sua formação em história da arte.

Logo após sua chegada, aponta Daniela Kern,⁴ ela publica o artigo *Kapitalismus und kunstgeschichtliche Betrachtungsweise* [Capitalismo e a abordagem da história da arte] na *Das Blaue Heft*, revista mantida por intelectuais exilados; o tratamento dado pela autora à matéria já delineava seus interesses e caminhos que viria a seguir em sua prática investigativa.

Em seu primeiro ano de estudos em Paris, Levy escreveu sobre os conceitos fundamentais de história da arte, trabalho com base na pesquisa que desenvolveu sobre a obra do historiador de arte suíço Heinrich Wölfflin (1864-1945). A aprovação com o conceito “muito bom” proporcionou a Levy o *Diplôme d’Études Supérieure* [Diploma de Estudos Superiores], na Universidade de Paris, conforme ela registra em seu currículo, em 1978.⁵ Três anos após esse exame, Levy já teria preparado a tese de doutorado intitulada *Henri Wölfflin, sua teoria e seus predecessores*,⁶ para a mesma universidade, tendo defendido em 22 de junho de 1936; um trabalho também teórico que ela desenvolvia sobre Jacob Burckhardt (1818-1897), Konrad Fiedler (1841-1895) e Adolf Von Hildebrand (1847-1921), paralelamente aos estudos sobre Wölfflin. Logo após seu doutorado, em 1937, ela participou do 2º Congresso Internacional de Estética e Ciência de Arte, em Paris, apresentando a comunicação *Sur la nécessité d’une sociologie de l’art* [Sobre a necessidade de uma sociologia da arte]. Participavam do congresso historiadores da arte com quem ela teria tido contato durante sua formação, como, por exemplo, Lionello Venturi (1885-1961) e Henri Focillon (1881-1943).

Concluídos os estudos superiores e o doutorado, Levy emigrou de novo, então para o Brasil, onde permaneceu por aproximadamente dez anos e deu início à trajetória profissional como professora, historiadora e crítica de arte junto a institui-

ções de cultura e ensino, como, por exemplo, o Sphan e a Fundação Getúlio Vargas – FGV. Após esse período no Brasil, Hanna emigrou novamente, dessa vez para os Estados Unidos,⁷ onde, em função de seu casamento, passou a assinar Hanna Levy Deinhard e ficou conhecida como Hanna Deinhard. Em 1948, já em Nova York, ela começou a lecionar na New School of Social Reserch, na qual muitos imigrantes encontraram campo de atuação, entre eles Hannah Arendt, Erwin Piscator, Max Wertheimer e outros, destaca Below.⁸

Nos boletins da instituição, em que eram divulgados os cursos que seriam oferecidos em cada ano letivo, identificamos a participação Hanna Deinhard junto a outros historiadores da arte como, por exemplo, Leo Balet (1878-1965) e Meyer Schapiro (1904-1996), que ali se encontravam em situação idêntica à dela, ou seja, em busca de trabalho para emigrante, utilizando como instrumental as próprias experiências de ensino e pesquisa. Em seu currículo, Hanna registra suas atividades ali, como professora, durante aproximadamente 20 anos. Paralelamente a essa atividade, ela oferecia visitas guiadas aos museus de Nova York falando sobre história da arte.

Professora e conferencista, Hanna Deinhard também publicou artigos em jornais e revistas americanos, tal como fez em Paris e no Brasil, com estudos relativos à história e crítica de arte, incluindo temas sobre a arte brasileira e sobre a questão principal de sua tese. Como exemplo disso destaca-se o artigo publicado nas *Atas do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiro* – realizado em 1950, em Washington, nos Estados Unidos – sob o título *Two research needs for the further development of luso-brasilian studies in the field of the fine arts*, e o artigo *Modern tile-murals in Brazil*, publicado na revista *Craft Horizons*, em 1959.

O casal Deinhard também conviveu durante esse período nos Estados Unidos com amigos feitos no Brasil, como o casal Heinz e Fayga Ostrower – a amizade entre Fayga e Hanna deu-se em função do curso de história da arte ministrado por Levy na FGV, no qual Fayga foi sua aluna –, bem como com amigos brasileiros que fez lá, como a artista Anna Bella Geiger, que foi aluna de Hanna num curso de história da arte ministrado no Metropolitan Museum of Art – MET, em Nova York. Nesse período o casal emigrou mais uma vez, então para Israel, em 1956. Foi lá que Fritz acabou morrendo, pois já tinha 75 anos e estava muito doente. Sobre essa emigração e após a morte do marido, Lea Levy, que morava lá, descreveu a cunhada da seguinte forma:

Corajosa e decidida ela encontrou um apartamento em Haifa, onde aprendeu hebraico, para poder trabalhar depois. Alguns meses depois, entretanto, ela desistiu desse plano. De algum modo ela culpava Israel e o resfriado que Deinhard pegou no navio até aqui pela morte deste. A própria Hanna Deinhard indica no seu currículo que aproveitou um semestre como professora visitante no Technion de Haifa e que realizou cursos obrigatórios para estudantes de arquitetura no primeiro semestre. Paralelamente, ela escreveu no jornal Haaretz sobre arte moderna e exposições de arte atuais em Haifa.⁹

Um desses artigos trata da exposição que o artista brasileiro Cândido Portinari, com quem Hanna estabeleceu relação de amizade no Brasil, realizou no Museu de Arte Moderna de Haifa, em Israel.

Ao retornar sozinha para os Estados Unidos, em 1957, Hanna continuou seu trabalho na New School of Social Reserch e, paralelamente, atuou como professora no Bard College, a partir de 1961

e no Queens's College, a partir de 1965, onde se manteve até 1978, quando se aposentou. Aposentada, Hanna Deinhard retornou à Europa, mas não para a Alemanha. A mudança em definitivo foi para Basileia, pois "não tendo conseguido se sentir em casa na América, ela procurou domicílio na Suíça, perto de uma universidade com biblioteca e grande coleção de slides",¹⁰ resumiu Lea Levy a Irene Below sobre os últimos anos de vida de Hanna Deinhard, até seu falecimento, em 1984. Nesse período, ela prosseguiu com a atividade de professora, porém voltada para a formação de adultos, com palestras sobre história da arte diante das obras originais expostas nos diversos museus que ali existiam.

Hanna Levy no Brasil e o ofício de professora de história da arte

Ali Hanna Levy encontrou seu novo local de trabalho: por três anos (1937-1940) ela atuou como professora de história da arte nessa instituição, "onde eu formava os funcionários públicos locais (história da arte geral, sem arte oriental)". De 1940 a 1947, ela foi encarregada pela pesquisa dessa instituição e publicou cinco importantes artigos na revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, também criada em 1937. Paralelamente a essas atividades, Hanna Levy deu aulas, de 1938 a 1941, na Escola Livre de Estudos Superiores no Rio de Janeiro; de 1939 até 1947 organizou "independentemente do Ministério da Educação os primeiros cursos noturnos públicos de história da arte (eu mesmo ensinava)". De 1946 até sua mudança para os Estados Unidos ela era ainda professora de arte moderna e crítica de arte na Fundação Getúlio Vargas. Além disso, escreveu para revistas, para o Jornal do Brasil e textos para catálogos de exposição – entre outros, sobre a 'degenerada' arte alemã e sobre escritores brasileiros contemporâneos como o paisagista Roberto Burle Marx e o escultor Bruno Giorgi.¹¹

Essa epígrafe reproduzindo trecho da descrição feita por Irene Below das atividades de Hanna Levy no Brasil, com base nas informações que a própria historiadora da arte registrou em seu currículo, demonstra, para a autora, que Levy se adaptou a sua nova morada.

Cotejando os estudos publicados por Below com as informações constantes nos documentos localizados no Brasil, especialmente no Arquivo Central do Iphan, seção Rio de Janeiro (ACI/RJ), encontrou-se a correspondência – cartas e ofícios¹² – trocada por Hanna Levy principalmente com o diretor do Sphan, mas também com outras pessoas; esse material nos auxiliou na identificação das atividades que ela desenvolveu no Brasil, sobretudo a de professora, bem como sua periodicidade, seu público e a finalidade de seus cursos.

A emigração de Levy para o Brasil data possivelmente de 1937, logo após sua participação no 2º Congresso Internacional de Estética e Ciência de Arte. Segundo Mário Barata,¹³ foi durante esse congresso que ela teria encontrado alguém do Brasil que participava do evento representando o arquiteto Flávio de Carvalho, impedido de comparecer para apresentar sua pesquisa.¹⁴ Outras informações sobre sua chegada no Brasil também foram identificadas nos jornais da época, como, por exemplo, *O Imparcial* e *Diário Carioca*, ambos de 20 de outubro de 1939, noticiando que o prefeito do Rio de Janeiro naquela ocasião recebera em seu gabinete a Sra. Hanna Levy, jornalistas e outros profissionais. *O Correio Paulistano*, em suas edições de 27 de novembro de 1940 e 20 de setembro de 1941, divulgou a solicitação feita pela Delegacia e Fiscalização de Estrangeiros para que as pessoas relacionadas na listagem, em que constava o nome da Hanna Levy, comparecessem com urgência para regularizar a situação da documentação do processo de pedido de permanência no país. Essa informação sobre a ida



Fayga Ostrower, Fritz e Hanna Levy, Nova York, 1955

de Levy à São Paulo adquiriu importância para ser mencionada aqui, pois Ítalo Campofiorito,¹⁵ ao relatar sobre a participação de Hanna Levy no SPHAN em uma edição comemorativa sobre os 60 anos do órgão, menciona que Rodrigo, ao enviar carta à historiadora sobre seus trabalhos em desenvolvimento, seu recebimento fora em São Paulo, já que ela se encontrava naquela cidade.

Ao integrar-se ao “grupo do Patrimônio” no Sphan, Levy desenvolveu atividades enquanto professora e pesquisadora em história da arte e “perita de arte” – uma espécie de atividade técnica para identificação de obras de arte com valor histórico e artístico, para fins de proteção legal por meio do tombamento e de verificação de autoria, com a finalidade de comprovação de autenticidade

– que eram solicitadas aos técnicos pelo diretor do órgão.¹⁶ Suas produções mais conhecidas, resultantes de suas pesquisas, foram publicadas na forma de artigos monográficos na *Revista do Patrimônio*, nas edições do período 1940-1945.

Além dos estudos e pesquisas desenvolvidos e publicados, a principal atividade profissional desenvolvida por Hanna Levy foi a de professora de história da arte, sendo que o primeiro curso que temos documentado no Brasil foi para “especialização dos técnicos” do Sphan nessa matéria. Seu conteúdo, analisado a partir das apostilas que se encontram no ACI/RJ, foi metodologicamente organizado em dois eixos: um referente ao estudo da história da arte geral e outro da história e crítica da arte. Na primeira parte, de caráter mais geral, Levy faz uma breve apresentação histórica do tema e, em seguida, relata algumas técnicas, objetos/produtos desse período divididos pelos segmentos de arquitetura, pintura, cerâmica, alfaia, decoração, arquitetura de palácios, arquitetura funerária, entre outros, incluindo suas descrições, datações e periodizações.

No segundo momento do curso, Levy aborda os 13 primeiros itens do livro de Lionello Venturi – intitulado *História e crítica de arte*, publicado originalmente em inglês e posteriormente na versão em francês – traduzidos para o português em apostilas. Levy apresenta detalhadamente essa obra de Venturi, relacionando sempre três pontos: a teoria, a história e a crítica da arte, ou seja, para ela, como, aliás, para Venturi, a compreensão crítica da arte estava no centro do conhecimento da história da arte. Em resumo, isso significa que é preciso julgar (construir uma crítica) para se conhecer, estudar e escrever a história da arte. As apostilas dessa parte do curso, mais incrementadas com conteúdo até mesmo de sua tese, evidenciam sua bagagem em termos de pesquisa, uma vez que é

de seu domínio toda a discussão teórica e historiográfica que se fez desde o século 18 em favor da constituição da história da arte enquanto campo disciplinar. E, por esse motivo, além de apresentar as obras dos museus europeus relativas aos períodos estudados, ela também trata dos artistas e das críticas que se fizeram a suas produções.

Outra atividade que localizamos foi o curso de história da arte que ela teria ministrado, posteriormente ao do Sphan e antes de seu trabalho na FGV, junto ao grupo Guignard, em 1943. Segundo Frederico de Moraes:

Em março de 1943 Iberê Camargo, Geza Heller e Elisa Byington fundam o Grupo Guignard, que funciona como ateliê coletivo à Rua Marquês de Abrantes, 4, no Catete. No local existiu, antes, a gafieira A Flor do Abacate, daí o nome do grupo dado pelo poeta Manuel Bandeira A Nova Flor do Abacate. Entram em seguida para o grupo Alcides da Rocha Miranda, Milton Ribeiro, Maria Campello, Werner Amacher e Vera Mindlin. Teriam ainda frequentado o ateliê Karola Szilarde, Maria de Lourdes Leão, Anita Muniz, Joaquim Pinto, Haydé Magno e Carlos Machado, talvez apenas como assistentes de um curso de história da arte ali ministrado por Hannah Levy.¹⁷

Já a participação de Levy no Instituto Brasileiro de História da Arte – IBHA, na condição de palestrante convidada, encontra-se noticiada no jornal *Correio da Manhã* dos dias 10 e 26 de julho de 1945, em cujas páginas se divulga o convite para as palestras que a Dra. Hanna Levy, diplomada pela Sorbonne, realizará na Associação Brasileira de Imprensa – ABI, nas quintas-feiras, dias 12, 19 e 26 de julho e 02 de agosto, às 17h, sobre os mestres da pintura do renascimento Giotto, Jan Van Eyck, Conrado Wits e Jean Fouquet.

O IBHA, que teve como presidentes os senhores doutor Adhemar de Assumpção, Francisco Marques dos Santos e doutor Rodrigo Melo Franco de Andrade, foi fundado em 16 de outubro de 1940 e concebido pelos museólogos do Curso de Técnica de Museus, do Museu Histórico, único a lecionar no Brasil sob os moldes do Museu do Louvre. A criação do IBHA, explica Lygia Martins,¹⁸ tinha o objetivo de promover o início da carreira dos técnicos de museus e difundir o conhecimento. Para ela, a história da arte era muito importante para a formação e profissionalização do museólogo, e, por esse motivo, o Instituto tinha como propósito fomentar a realização de palestras e cursos de história da arte, convidando professores ilustres como a professora Hanna Levy.

Por fim, destacamos o curso que ela ministrou aos alunos da FGV sob o título Elementos da história da arte e das artes gráficas, integrado a outras duas disciplinas, desenho aplicado às artes gráficas e técnica de publicidade, compondo o conteúdo teórico da formação dos profissionais do ramo do desenho técnico no Curso de Desenho de Propaganda e de Artes Gráficas, dirigido e coordenado pelo professor Tomás Santa Rosa. Das matérias propostas para esse curso e seus respectivos professores, o estudo da história da arte, de responsabilidade da professora Hanna Levy, se dava por meio da visão panorâmica e crítica da história da arte, situando o desenvolvimento das artes gráficas. Ao final do curso, os alunos eram avaliados em três quesitos, sendo o primeiro referente ao desenho, em que ele deveria saber expressar objetos e figuras pela linha, empregar a técnica do claro-escuro e demonstrar o domínio de textura; o segundo, composição, demandava a demonstração de estudos de composição de objetos, paisagem e figuras; e, por fim, o terceiro, relativo à interpretação, que se daria por meio do



Heinz Ostrower, Hanna Levy e o marido, Fritz, Nova York, 1955

uso das várias técnicas do desenho, da compreensão mediante sua escolha moderna de uma composição simples e da ilustração de poesia e prosa.

Verificamos também que nesse curso há pontos em comum com o que foi oferecido aos alunos (técnicos) do Sphan; o que, porém, nos chamou a atenção foi a presença da arte oriental e da arte primitiva e infantil. Além disso, em decorrência dos estudos que Hanna Levy já havia publicado na *Revista do Patrimônio*, observamos que a questão

do barroco é matéria de seu curso, partindo de Portugal e Espanha para apresentação da herança do Brasil. Embora esse curso da FGV tenha sido bastante noticiado na imprensa pela importância que representava naquele momento em relação às artes gráficas, durou apenas oito meses, entre maio de 1946 e janeiro de 1947, sendo extinto nesse ano e formando apenas uma turma de alunos. Segundo Tavora,¹⁹ “as esperanças de aprofundamento dessa bem-sucedida experiência foram enterradas pelo presidente da Fundação

Getulio Vargas, o Sr. Simões Lopes, [que] decidiu substituí-lo por outro curso de desenho industrial, mais voltado para o desenho técnico que, a seu ver, apresentava mais praticidade para a indústria”.

O resultado dessa experiência prática de ensino será visto na primeira exposição realizada pelo grupo de professores e alunos, em 1947. Os jornais *A Manhã* (6.2.1947), *A Noite* (5.2.1947), *Correio da Manhã* (1.2.1947), *Diário Carioca* (5.2.1947), *Diário de Notícias* (6.2.1947) noticiaram a abertura da exposição que ocorreu na FGV, na praia de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 6 e 20 de fevereiro daquele ano. Todas as notícias publicadas em decorrência da abertura dessa exposição reforçavam a importância e a inovação trazida por esse curso, sob a coordenação de Tomás Santa Rosa e pelos ilustres professores como, por exemplo, Hanna Levy, que participavam da formação desses artistas gravadores.

Considerações finais

Hanna Levy realizou inúmeras atividades ao longo de sua vida profissional, grande parte delas dividida entre as práticas de ensino e pesquisa em história da arte. O Sphan foi seu local de trabalho logo que chegou ao Brasil, e, a partir dele, verificamos que ela ampliou seus contatos e “repliou” sua atividade principal, a de professora de história da arte. Esse primeiro curso teve duração de aproximadamente dois anos, com longas exposições sobre os diversos períodos da história da arte geral e os principais pontos das discussões mais recentes feitas pela historiografia da arte de Lionello Venturi. Após essa primeira e significativa experiência de ensino para os técnicos do Sphan, ela deu continuidade ao ofício de professora para o grupo Guignard, para os alunos do Curso de Desenho de Propaganda e de Artes Gráficas da FGV, além dos cursos noturnos gratuitos organi-

zados pela Casa do Estudante do Brasil e as palestras no IBHA.

A formação em história da arte, mediada especialmente pelos estudiosos ligados à Escola de Viena e habilitada com notável base historiográfica da arte, tornou a instituição de preservação do patrimônio que se constituía no Brasil – interessada também em constituir uma “nova historiografia da arte” – seu primeiro e principal local de trabalho, já que a partir dele é que ela estabeleceu os outros contatos na cidade do Rio de Janeiro. A base historiográfica a que estamos nos referindo diz respeito à constituída pelo estudo da estética, centrada no pensamento aplicado à arte, que Levy adquiriu pela verificação da base teórica que deu origem aos conceitos fundamentais da obra de Wolfflin, e também, em igual medida, pela produção dos historiadores da arte, em especial os ligados à Escola de Viena, que, “obedecendo a uma vontade pragmática, se empenham em estabelecer a biografia dos artistas, em atribuir e inventariar as obras, datá-las com base em indícios externos e internos, para situá-las na evolução dos estilos”,²⁰ como Dvorak, Riegl, Wolfflin, Tietze, e outros que ela utilizou em seus estudos e cursos.

NOTAS

1 Below, Irene. Hanna Deinhard's Wissenschaftskritik, Kunstsoziologie und Kunstvermittlung. Vortrag auf der Tagung, Künstlerinnen und Kunstwissenschaftlerinnen in exile, Staatliche Galerie Moritzburg Halle, 27-29.10.2000, acesso em 15 jun. 2006. Tradução Bettina Zellner Grieco.

2 Kapsner, Claudia. Hanna Deinhard. 2011. Einblicke – Ausblicke, Jüdische Kunsthistoriker in München (2012). Ludwig-Maximilians-Universität München. Disponível em: [http://www.kunstgeschichte.uni-muen-](http://www.kunstgeschichte.uni-muenchen.de/)

chen.de/forschung/ausstellungsprojekte/einblicke_ausblicke/biografien/deinhard/index.html. Acesso em 15 ago. 2015.

3 Exame feito por estudantes que concluem o ensino secundário na Alemanha, correspondente a aproximadamente 12 anos de estudos. Sua aprovação permite o ingresso em universidades da Alemanha e de outros países, como os da Europa e os Estados Unidos.

4 Kern, Daniela. Hanna Levy e sua crítica aos conceitos fundamentais de Wölfflin. In: *Anais do 24º Encontro da Anpap*. Compartilhamentos na Arte: Rede e Conexões. Santa Maria, 2015: 140.

5 Below, 2000, op. cit.: 168.

6 No original *Henri Wölfflin. Sa théorie. Ses prédécesseurs*. Paris, 1936.

7 Segundo Lea Levy, nesse mesmo período de emigração do casal para os Estados Unidos, o pai de Levy emigrou para Israel, ao encontro do filho, pois Zilla Levy, logo que chegou ao Brasil, faleceu em decorrência de um câncer (Levy, 1995, apud Below, 2000, op. cit.: 168).

8 Below, 2000, op. cit.: 156.

9 Below cita os seguintes artigos: The School of Paris in the Museum of Moderna Art, Haifa; A modern classic: Georges Braque, Constantin Brancusi; War and Peace: exhibition of Picasso and C. Portinari in the Museum of Modern Art, Haifa.

10 Levy, 1995 apud Below, 2000, op. cit.: 158 e 159.

11 Below, 2000, op. cit.: 155.

12 Trata-se de cinco correspondências localizadas no Arquivo Central do Iphan, seção Rio de Janeiro, na Série Arquivo Técnico e Administrativo.

13 Barata, Mário. Valor artístico valor histórico valor monumental. *Pós*, número especial. Anais do Semi-

nário O Estudo da História na Formação do Arquiteto. São Paulo: Edição Fauusp com apoio da Fapesp, 1994: 112.

14 Há ainda a informação de Judith Martins, uma das primeiras funcionárias do Sphan, contratada por Rodrigo em 1936, sobre o fato de Hanna Levy ter aparecido no órgão por indicação do jornalista, advogado e deputado estadual de Pernambuco Aníbal Fernandes.

15 Campofiorito, Ítalo. Primeiras Árvores. *Revista do Patrimônio*, edição comemorativa, 1997: 10.

16 Há exemplo disso em sua correspondência técnica trocada com o sr. Collins, que solicitava a verificação de autoria das obras cujas fotografias ele havia enviado a Rodrigo.

17 Moraes, Frederico. *Cronologia das artes plásticas no Rio de Janeiro, da Missão Artística Francesa à geração 90, 1816 a 1994*. Rio de Janeiro: Topbook, 1995.

18 Costa, Lygia Martins. *Entrevista*. Brasília: Universidade de Brasília, 2012: 252.

19 Tavora, Maria Luisa Luz. Experiência moderna: gravura no Curso de Desenho de Propaganda e de Artes Gráficas – Fundação Getulio Vargas 1946. *Anais da Anpap*, 2012: 16-17.

20 Bazin, Germain. *História da História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1989: 127.

Adriana Nakamuta é professora do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do Iphan e do Colégio de Aplicação da UFRJ. Este texto é parte de sua tese de doutorado Hanna Levy no Brasil: história, teoria e crítica de arte no Patrimônio (1937-1947), defendida em 2016 no PPGAV/UFRJ, sob a orientação da professora doutora Sonia Gomes Pereira.